

GRANDE SERTÃO: VEREDAS - RELEITURA

Maria Lúcia de Barros Camargo ANDALÓ*

Falar sobre uma obra-prima como Grande Sertão: Veredas implica, já no início, o enfrentamento de dois grandes problemas: a complexidade do texto em si e a existência de um grande número de estudos já realizados sobre o livro em questão. Decorrem daí duas possibilidades de trabalho. Uma delas seria a revisão da literatura sobre a obra e seu autor e a conseqüente produção de um texto que dialogasse com todas essas vozes. Outra possibilidade é enfrentar o "Grande Sertão" tentando não ouvir, tão de perto, as falas outras, estabelecendo um diálogo com o próprio livro, e buscando uma leitura que, se não for necessariamente inovadora, nem por isso deixa de ser nova. Evidentemente há riscos; opto por eles, descartando, inclusive, uma terceira hipótese de trabalho — a articulação das duas primeiras.

Não é fortuito que "Grande Sertão: Veredas" tenha sido alvo de tantos estudos e análises. Como já disse Antonio Candido,

"Na extraordinária obra-prima Grande Sertão: Veredas há de tudo para quem souber ler, e nela tudo é forte, belo impecavelmente realizado. Cada um poderá abordá-la a seu gosto, conforme o seu fundamental do autor: a absoluta confiança na liberdade de inventar."¹

Rerler "Grande Sertão: Veredas" é sempre uma experiência fascinante. Em vez de vermos o nosso prazer diminuído pelo conhecimento dos fatos principais do enredo, deparamo-nos com outro prazer até maior: o do novo deciframento, a cada linha, do já-dito, agora sob nova roupagem. Temos uma obra que se refaz a cada leitura. E isso se dá especialmente em relação ao que

*Professora da UFSC, cursando doutorado em Teoria Literária na USP.

encontramos até a página setenta e nove, páginas tão nebulosas à primeira leitura (assim como Diadorim, "minha neblina", é um mistério).²

Nestas páginas iniciais, Riobaldo indicia todo o livro: apresenta os grandes temas, enuncia as personagens mais importantes, menciona os lugares mais significativos, prenuncia o final, reflete sobre o ato de contar e, especialmente, sobre o sentido de sua vida, da vida do homem, matéria desta narrativa.

"Eu queria decifrar as coisas que são importantes. E estou contando não é uma vida de sertanejo, seja se for jagunço, mas a matéria vertente. Queria entender do medo e da coragem, e da gã que empurra a gente para fazer tantos atos, dar corpo ao suceder. O que induz a gente para más ações estranhas, é que a gente está pertinho do que é nosso, por direito e não sabe, não sabe, não sabe!"(p.79)

É fundamental que se diga, no entanto, que não se trata de uma enumeração de elementos, mas de uma forma de organização da narrativa, como se Riobaldo, após nos colocar dentro de sua fala, buscasse o jeito certo de contar, buscasse a sua forma e o seu sentido. Assim, inicialmente nos deparamos com uma narrativa até caótica, que aos poucos se organiza, passando gradativamente de reflexões e pequenos "flashes" narrativos, para a plenitude de sua estória. A reflexão sobre o próprio narrar não é, no entanto, privilégio destas páginas iniciais, mas nelas é mais frequente e marcada, em função de a própria narrativa ainda ser incipiente.

"Ai, arre, mas: que esta minha boca não tem ordem nenhuma. Estou contando fora, coisas divagas."(p.19)

"Ah, eu estou vivido, repassado. Eu me lembro das coisas, antes delas acontecerem..." (p.27)

"Se eu estou falando às flautas, o senhor me corte. (...) Ou conto mal? Reconto." (p.49)

"Sei que estou contando errado, pelos altos. Desemendo. Mas não é por disfarçar, não pense. De grave, na lei

do comum, disso ao senhor quase tudo. Não crio receio. (...) Não. Eu estou contando assim porque é meu jeito de contar. Guerras e batalhas? Isso é como jogo de baralho, verte, reverte. (...) O que vale, são outras coisas. A lembrança da vida da gente se guarda em trechos diversos, cada um com seu signo e sentimento, uns com os outros acho que não se misturam. Contar seguido, alinhavado, só mesmo sendo as coisas de rasa importância. De cada vivimento que eu real tive, de alegria forte ou pesar, cada vez daquela hoje vejo que eu era como se fosse diferente pessoa. Sucedido desgovernado. Assim eu acho, assim é que eu conto." (pp.77, 78)

Mesmo após a estória da vida de Riobaldo começar a ser contada cronologicamente, continuam as reflexões sobre a narrativa, bem como alterações na própria ordem cronológica, feitas, por exemplo, de algumas antecipações, como a narração do momento em que conheceu Otacília³, contado em meio à narração dos fatos ocorridos quando ainda estavam sob a chefia do Hermógenes. Conforme se sabe, Riobaldo conheceu Otacília após a saída da Guararavacã do Guacuí, quando os jagunços, fugindo dos soldados e querendo vingar-se do Hermógenes, se dirigiam ao encontro de Medeiro Vaz. Nessa antecipação do ocorrido na Fazenda Santa Catarina (páginas 145 a 152), Riobaldo também antecipa a lembrança de Nhorinhã, e o trágico final de Diadorim:

"O senhor mesmo, o senhor pode imaginar de ver um corpo claro e virgem de moça, morto a mão, esfaqueado, tinto todo de seu sangue, e os lábios da boca descorados no branquiço, os olhos dum terminado estilo, meio abertos meio fechados? E essa moça de quem o senhor gostou, que era um destino e uma surda esperança em sua vida?! Ah, Diadorim... E tantos anos já se passaram." (p.147)

Amor, ódio, lealdade, traição, medo, coragem, Deus e o diabo. Todos estão presentes nesse trecho e no livro como um

todo. Cada fragmento tem seu sentido na totalidade da obra e remete para a concepção maior de busca do sentido da vida, da motivação do ato, do bem e do mal. Isso perpassa desde o nível das estórias intercaladas, aparentemente independentes⁴, como as várias situações narrativas, como os próprios enunciados, tão profundamente marcados da ambigüidade fundamental: isso é ou não é? "Mas, para mim, o que vale é o que está por baixo ou por cima — o que está longe e está perto, ou o que está perto e parece longa." (p.175)

Voltando às páginas iniciais, além da reflexão sobre o próprio narrar, aparecem as outras fundas questões que se mantêm ao longo do livro. O fato de, a partir da página setenta e nove, iniciar-se a seqüência cronológica dos acontecimentos, que permitirá depois a integração do que já fora narrado, não quer dizer, como vimos, que uma linearidade plena passe a ocorrer a partir daí. O que ocorre é uma predominância da seqüência cronológica, como se a memória do narrador tivesse encontrado uma forma de melhor esclarecer seu interlocutor, apesar de o principal já ter sido dito. Aliás, essa função de esclarecimento fica muito marcada nas páginas centrais do livro — literalmente centrais — quando Riobaldo repassa pontos já ditos. Ao mesmo tempo que recupera e organiza a memória de seu interlocutor, Riobaldo prepara-o para o que virá, o que ainda está por ser dito. Significativamente, inicia esse longo fragmento assim:

"Sô sim? Ah, meu senhor, mas o que eu acho é que o senhor já sabe mesmo tudo — que tudo lhe fiei. Aqui eu podia pôr ponto. Para tirar o final, para conhecer o resto que falta, o que lhe basta, que menos mais, é pôr atenção no que contei, remexer vivo o que vim dizendo. Porque não contei nada à-toa: só apontação principal, ao que crer posso. Não desperdiço palavras. Macaco meu veste roupa. O senhor pense, o senhor ache. O senhor ponha enredo." (p.234)

No que se segue até o final da página 237, o diálogo com o "doutor" torna-se mais evidente, como se Riobaldo respondesse a

perguntas de seu interlocutor: afinal, o doutor foi incitado a compor o restante, pois Riobaldo já dissera tudo. Certamente não será por acaso que esse fragmento está inserido exatamente no ponto em que se fundem as antecipações da ação com a seqüência cronológica da vida do jagunço Riobaldo, isto é, os episódios das lutas sob a chefia de Medeiro Vaz, com a frustrada travessia do Liso, até o momento em que Zê Rebelo assume a chefia. Dã-se não sô a integração dos acontecimentos na ordem cronológica, mas também se integra o interlocutor — e através dele o leitor — na organização do enredo. Somos todos convidados a ativarmos nossa memória, a recompormos os fatos narrador até então, para podermos acompanhar o que ainda não foi dito explicitamente. Se ainda não o formos, aqui definitivamente seremos parte ativa do ato de narrar, recuperado em sua forma mais primitiva de oralidade, de uma audiência que, através da memória, mantém vivo o narrado.⁵ Até essa altura da narrativa, o que menos foi mencionado diz respeito à chefia de Riobaldo, tendo sido feita uma única referência ao Urutú-Branco, tristonho levado, pobre menino do destino. Serão nossas retentivas capazes de guardar essa informação? Assim, o papel da memória, fundamental para o narrador, passa a ser também essencial para o ouvinte-leitor. Afinal, para quem busca o sentido da vida, rememorar é reviver, e, revivendo, é a tentativa de encontrar as respostas para o que foi.

A estória de vida do jagunço Riobaldo começa, propriamente, com o episódio do encontro com o Menino (Reinaldo / Diadorim / Deodorina), no porto do de-Janeiro, na página setenta e nove. Afinal, o jagunço Riobaldo sô existe em função de Diadorim — a morte do amigo-amor encerra a estória, como textualmente nos diz o velho Riobaldo. Apesar disso, o livro prossegue ainda por algumas páginas, até retomar o ponto inicial: nonada. Fecha-se o círculo, abre-se o texto. Travessia. "Quem quiser que conte outra..."

A aparente fragmentação da estrutura narrativa com seus sucessivos rearranjos remete, de um lado, à própria produção do texto, ao ato de narrar em seu nascimento, e, de outro, à

totalidade da obra, do homem e do mundo. Essa totalidade, manifesta na estrutura, não se faz sem contradições, avanços e recuos. Também se faz de sucessivas equilibrações ("Todo caminho da gente e resvaloso. Mas, também, cair não prejudica demais — a gente levanta, a gente sobe, a gente volta!" p.237). E de uma profunda consciência das contradições do homem e da vida. Que mundo é esse?

Nessa estória de jagunços, de lutas, traição, amor, ódio e vinganças, o cenário que se coloca desde a primeira página é o sertão. O que é o sertão?

"O senhor tolere, isto é o sertão. Uns querem que não seja: que situado sertão é por os campos gerais a fora a dentro, eles dizem, fim de rumo, gerais altas, demais do Urucúia. Toleima. Para os de Corinto e do Curvelo, então, o aqui não é o dito sertão? Ah, que tem maior! Lugar sertão se divulga: é onde os pastos carecem de fechos: onde um pode torar dez, quinze léguas, sem topar com casa de morador; e onde criminoso vive seu cristo-jesus, arredado do arrocho de autoridade. (...) Enfim, cada um o que quer aprova, o senhor sabe: pão ou pães, é questão de opiniões. O sertão está em toda a parte." (p.9)

Nessa primeira conceituação já se coloca um dado fundamental para a compreensão da obra: o relativismo de tudo. Mais do que uma conceituação geográfica ou sócio-econômica, fica o estado de espírito que é o sertão, ou melhor, como cada um o vê. Mais tarde dirá Riobaldo que o sertão é o mundo e que o sertão está dentro de nós, numa integração cômica plena, o homem fundido com a natureza, como acontece durante todo o livro⁶. Sem esquecer, todavia, a divisão da consciência que se instaura no espírito de Riobaldo através das dúvidas, das culpas, das fundas indagações sobre a motivação do ato, sobre o sentido da vida. Problemas de um sertanejo?

Especulando um pouco com a idéia de sertão, poder-se-ia perguntar onde fica o contraste ao sertão, já que ele está em

toda parte; mas, ao mesmo tempo, há um elemento estranho ao sertão: o mudo interlocutor de Riobaldo. Nessa linha de raciocínio, caímos na clássica oposição campo-cidade, traduzida aqui como oposição sertão-cidade. O simples fato de existirem não só sertão e cidade, mas também fazendas, arraiais, menção à capital e a cidades de vários portes, já coloca nuances na questão. Mas, de qualquer modo, se pensarmos na oposição dicotômica do pólo urbano versus o pólo rural, podemos dizer que ela está na obra, como já foi apontado por outros, através de vários elementos.

Tradicionalmente, essa oposição caracteriza uma literatura dita regionalista e feita de forma documental. Entendendo o romance como um gênero urbano, produto de uma sociedade burguesa e urbanizada, a ambientação de **Grande Sertão: Veredas** já coloca, ao nível da forma geral, o contraste, que se confirma na própria fusão dos modos narrativos. Além disso, é preciso lembrar a própria tradição da literatura brasileira que fez do regionalismo literário um instrumento de afirmação da identidade nacional. Mas **Grande Sertão** é diferente, assim como Riobaldo não é um jagunço como os outros.

Em geral, pode-se considerar a cidade como signo do progresso, da modernidade, do saber institucionalizado, da riqueza, enfim, da melhoria de vida. Essa concepção não é estranha à obra, materializada inicialmente na figura do doutor. É preciso não esquecer, no entanto, que é uma figura que não se concretiza no texto: é sempre referida e mediatizada pelo narrador. O mudo interlocutor é uma presença constante — "o senhor sabe" — que suscita a elocução do narrador e, através dela, torna-se possível o auto-reconhecimento de Riobaldo. Esse parceiro de conversa, se é que assim se pode identificar o doutor, é o homem da cidade, aquele que poderia, com seu conhecimento, trazer respostas às angustiantes questões existenciais do narrador. O diabo existe? O doutor também suscita em Riobaldo uma certa nostalgia pela cidade, enquanto possibilidade de instrução: "Invejo é a instrução que o senhor tem" (p.78), ou ainda "Inveja minha pura é de uns conforme o senhor, com toda leitura e suma doutoração" (p.14). Não é a riqueza nem o poder político que Riobaldo deseja.

Esses, ele os tem. E, além e acima desses, Riobaldo detém o poder da palavra, o controle da narrativa.

Entre as personagens também se encontram algumas que tematizam a cidade em oposição ao sertão. Sem dúvida, a mais significativa é Zé Bebelo. José Rebelo Adro Antunes aspirava modernizar o sertão, acabando com a jagunçagem e melhorando o padrão de vida das populações sertanejas. Para isso, seria preciso, além de vencer os jagunços, ir para a capital e tornar-se deputado. Essa era sua fantasia, seu desejo. E Zé Bebelo constituiu o alvo da estima e admiração de Riobaldo. É curioso observar que a primeira forma de relação entre eles é a de professor e aluno. Logo essa relação se inverte, e Riobaldo passa a ser o aprendiz de Zé Bebelo. Mais tarde, nova inversão de papéis, quando Riobaldo substitui Zé Bebelo na chefia do bando. Este, no entanto, não suporta ser o segundo e abandona a jagunçagem. Restam a admiração e a amizade recíprocas. Mais um detalhe: foi Zé Bebelo quem rebatizou Riobaldo, dando-lhe, com os novos nomes, identidade peculiar em dois papéis importantes: Professor e Urutú-Branco. De Zé Bebelo, diz o narrador:

"Gostava, com despropósito, de dar conselhos.

Considerava o progresso de todos — como se mais esse todo Brasil, territórios — e falava, horas, horas, horas. — "Vim de vez!" — disse quando retornou de Goiás. O passado, para ele, era mesmo passado, não vogava." (p.61)

"Esse era ele. Esse era um homem. Para Zé Bebelo, melhor minha recordação está sempre pronta. Amigo, foi uma das pessoa nesta vida que eu mais prezei e apreciei." (p.62)

"Dizendo que, depois, estável que abolísse o jaguncismo, e deputado fosse, então reluzia perfeito o norte, botando pontes, baseando fãbricas, remediando a saúde de todos, preenchendo a pobreza, estreando mil escolas." (p.102)

Em Zé Bebelo, não se encontra o simples desejo de ir para

a cidade, ou de viver o progresso, mas de promover a condição humana no sertão. Ideal de um futuro melhor.

Também as personagens estrangeiras tematizam o progresso, mas diferentemente de Zé Bebelo. São elas o Assis Wababa e o Vupes. Vupes traz as notícias do progresso e estabelece a ponte entre o sertão e as coisas da cidade. Assis Wababa deseja ver o interior modernizado em breve, a fim de usufruir das vantagens de um comércio fortalecido. E o jovem Riobaldo, entre eles, chega a sonhar com a riqueza, que ele bem sabe ser uma ilusãozinha:

"Seo Assis Wababa oxente se prazia, aquela noite, com o que o Vupes noticiava: que em breves tempos os trilhos do trem-de-ferro se armavam de chegar até lá, o Curralinho então se destinava ser lugar comercial de todo valor. (...) Me alembro: eu entrei no que imaginei — na ilusãozinha de que para mim também estava assim tudo resolvido, o progresso moderno: e que eu me representava ali rico, estabelecido. Mesmo vi como seria bom se fosse verdade." (p.97)

O progresso trazido pela modernização dos transportes é reconhecido por Riobaldo em outras passagens, como quando fala das vantagens de pontes e jipes (p.80); mas, consciente das contradições, sabe que a modernização descaracterizará seu mundo sertanejo: "... cidade acaba com o sertão. Acaba?" (p.129). Com a dúvida sempre presente, persiste a nostalgia da cidade grande, local apenas imaginado:

"Tanto eu tinha um aperto de desânimo de sina, vontade de morar em cidade grande. Mas que cidade mesma grande nenhuma eu não conhecia, digo." (p.188)

"Rodeando por terras tão longes: mas eu tinha raiva surda das grandes cidades que há, que eu desconhecia. Raiva — porque eu não era delas, produzido..." (p.391)

Outra personagem que traz à tona a cidade enquanto estrutura burguesa das relações entre as pessoas e as coisas é o

seô Habão. Embora sertanejo, sua prática econômica coloca o capitalismo em pleno sertão, agudizando as contradições. Riobaldo tem nítida consciência do valor de mercadoria que homens e coisas adquirem para seô Habão. Sabe que ele é diferente do sertanejo e que constitui uma ameaça. Teme, inclusive, a possibilidade de Zé Bebelo, com seus ideais reformistas, vir a ser seduzido pelo capitalismo de seô Habão, pelo fetichismo da mercadoria:

"Ainda confesso declarado ao senhor: eu não tivesse raiva daquele seô Habão. Porque ele era um homem que estava de mim em tão grandes distâncias. (...) E ele cumpria sua sina, de reduzir tudo a conteúdo. (...) Zé Bebelo, que esses projetos ouvisse, ligeiro logo era capaz de ficar cheio de influência: exclamar que assim era assim mesmo, para se transformar aquele sertão inteiro do interior, com benfeitorias, para um bom Governo, para esse ô-Brasil!" (p.314)

Marcando ao extremo a oposição ao progresso da cidade grande, encontram-se, no fundo do sertão, os catrumanos. A existência desse povo, com suas armas antiqúíssimas, seu dobrão de prata do tempo do Imperador, sua fala arcaica, agudiza a contradição entre os dois pólos: o sertão e a cidade. Mais do que isso, coloca de forma radical a ligação entre esses pólos e a temporalidade. Com os catrumanos, o passado, os tempos antigos, ficam identificados com o sertão em sua forma mais primitiva. A cidade e o progresso, em compensação, apontam tanto para o presente como para o futuro. O presente se expressa no capitalismo de seô Habão, com suas formas de exploração do trabalho e sua relação com a mercadoria e com o lucro. Está também nos estrangeiros, que desejam viver o progresso do sertão num tempo muito próximo, progresso esse entendido como o desenvolvimentismo capitalista, que lhes traria benefícios pessoais. Aproximam-se, portanto, de seô Habão.

Já o futuro, o não realizado, encontra sua expressão na figura de Zé Bebelo e em seus sonhos de uma vida melhor para todos, ideais de justiça social. Desejo que não se concretiza.

E Riobaldo, o homem do sertão? E o doutor, o homem da cidade? Como se situam?

Nessa conversa em que só um fala, o doutor, homem instruído, a quem Riobaldo pede respostas (sem dar espaço a elas), na verdade torna-se o inculto, o que nada sabe das coisas do sertão e, conseqüentemente, das coisas do homem e do mundo (o sertão está dentro da gente: o sertão é o mundo). Quem detém a sabedoria é Riobaldo, pois detém o poder da palavra e torna-se; também ao nível da relação com seu ouvinte, o professor. Foi professor de Zé Bebelo; continua professor de seu ouvinte. E mais do que a aprender as coisas e caminhos do sertão, o doutor é instado a pensar na essencialidade do homem e em seu destino no mundo. No sentido da vida. Com a evocação da memória de passados fatos, a ação e a reflexão se colocam: uma no passado, outra no presente, mas ambas no sertão, no mundo. E apenas Riobaldo é o detentor: no passado, da ação concreta: no presente, da ação de contar e, através dela, da reflexão funda, da sabedoria. Ensina o doutor. Inveja da cidade? É pouca e, talvez, sequer verdadeira. O sertão se impõe à cidade. Ou melhor, extrapolam-se as binomias sertão/cidade, passado/presente, para se atingir o plano mais alto do homem humano, universal.

É esse homem humano que Riobaldo busca através de si mesmo, da tentativa de encontrar sua própria identidade. Afinal, quem é Riobaldo? Será o jagunço do sertão, homem ignorante do progresso e das letras, passadista e anacrônico? Será o homem sábio, capaz de tomar decisões, de refletir sobre as coisas mais variadas, que procura distinguir o bem do mal? Ou será apenas um singular ser humano, com todas as contradições? A última hipótese parece ser a mais verdadeira. E, como tal, Riobaldo não está ligado nem apenas ao fundo do sertão e do passado, nem apenas aos sonhos do futuro. Situa-se num presente que é síntese de passado e futuro, que, como momento, é passagem de um para outro. E a ponte entre eles é feita pela memória e pela palavra. Mesmo no passado, revendo a jagunçagem sertaneja, lembrava-se de ensinamentos mais antigos, era atraído pela canção de Siruiz... No presente, tentando tirar valiar do vivido, aspira por tempos

melhores, reflete sobre o perigo de viver porque ainda não se sabe...

Aí está um dos fatores que dão unidade e coerência a "Grande Sertão: Veredas": Riobaldo, pela palavra, funde passado e presente, sertão e cidade, da mesma forma que o texto recupera a passagem do romanesco para o romance. Completa-se mais uma vez o círculo.

Com Riobaldo, o sertão é o mundo, o sertanejo é o homem, e as questões dos destinos individuais se tornam fundas questões humanas. Dá-se o avesso: é o romance que recupera o romanesco; é o regional que recupera o universal; é passado que se torna presente; é o bem que se torna mal; e vice-versa.

Como se dá tudo isso? Reitero: é pela palavra, que dá poder ao velho Riobaldo, assim como é a palavra que ameaça quebrar a autoridade do Urutú-Branco (como no episódio da fazenda Barbarana), do mesmo modo que a reafirma: "Eu era senhor dali e daqui: eu falava, ficava sendo." (p.361)

Afinal, o que é um livro, uma estória, senão um ser de palavras?

"O senhor deve de ficar prevenido: esse povo diverte por demais com baboseira, dum traque de jumento formam tufão de ventania. Por gosto de rebuliço. Querem-porque-querem inventar maravilhas glorionhas, depois eles mesmos acabam temendo e crendo. Parece que todo mundo carece disso. Eu acho que." (p.59)

"... sobrefalseado, como do que só em jornal e livro é que se lê." (p.108)

"Nas estórias, nos livros, não é desse jeito?" (p.125)

NOTAS E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

¹CANDIDO, Antonio. O homem dos avessos, in *Tese e Antítese*. 3.ed., São Paulo, Ed. Nacional, 1978. p.121.

²Todas as citações da obra em estudo referem-se à 11.edição

A referência completa é:

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**. 11.ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1976.

³O episódio mencionado não é a primeira referência a Otacília feita por Riobaldo: trata-se da narração completa do primeiro contato entre eles.

⁴A esse propósito, impossível não lembrar o ensaio de Walnice Nogueira Galvão sobre a estória de Maria Mutema e sua articulação com a totalidade da obra. Cf. GALVÃO, Walnice Nogueira. O certo no incerto: o pactário, in, **As formas do falso**. São Paulo, Perspectiva, 1972.

⁵Cf. Benjamin, Walter. **O narrador**, in Aodrno et alii, coleção Os pensadores. São Paulo, Abril Cultural, 1980.

⁶A fusão homem-natureza se dá muito claramente ao longo do livro. Num levantamento miúdo, pode-se observar desde a sugestão dos topônimos, ricos de sentidos e vinculados aos fatos que ocorrem em cada lugar, como as associações entre estados de espírito e manifestações da natureza. E isso sem falar na funda identificação entre Riobaldo e a água, enquanto Diadorim identifica-se com o sol. O sol e a água — a neblina. Mas isso fica para outro trabalho.

O JOGO DA LINGUAGEM: A RELAÇÃO ADULTO/CRIANÇA. O PROCESSO CRIADOR DE CLARICE LISPECTOR.

Haydêe Ribeiro COELHO

"Trinta desses meninos sentados no chão, teriam eles a chance de construir um mundo outro, em que levasse em conta a memória da atualidade absoluta a que um dia já pertencemos? A união faria a força. Lá está ele sentado, iniciando tudo de novo mas para a própria proteção futura dele, sem nenhuma chance